

GUIMARÃES ROSA: AS MARGENS DA ALEGRIA

Raimundo Dalvo Costa

Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens.

(Guimarães Rosa).

RESUMO: Este trabalho discute o conto de Guimarães Rosa “As margens da alegria”, mostrando a estória de um menino que viaja com seu Tio e Tia para uma cidade e lá vive momentos de alegria, tristeza e transformação correlacionada com a mudança histórica no espaço e tempo vivido em Brasília.

Palavras-chave: menino, cidade, peru, mudança.

O que é “As margens da alegria” senão proporcionar prazer, desejos por algo, alguma coisa nova que pode trazer tristeza, dor ou alegria. Este título criado por Guimarães Rosa tem tempo e espaço, e estes fazem parte de quem cria a estória. O tempo e o espaço das “Margens da Alegria” são o momento vivido e sentido pelo autor depois da sua viagem a Brasília na década de 50.

Analisar este conto, escrito na terceira pessoa, significa buscar outras leituras que não apenas o estado emocional do personagem principal, que é o “Menino”, mais tudo que o cerca como uma cidade em mudança a qual, aos olhos de um menino, causa estranheza. Essa cidade

é Brasília. Esse menino se comunica com outras pessoas, percebe uma paisagem cercada de natureza sendo modificados pela ação do homem, que destrói árvores, animais, modos de vida e sonhos de crianças. Este é um menino no mundo material, concreto e histórico e não apenas emocional.

“Esta é a estória. Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade [...]” (p.49). Em 1958, Guimarães Rosa vai a Brasília quando esta se encontrava em construção e, em 1962, escreve o livro *Primeiras estórias* e umas delas foi “As margens da alegria”. A transformação de um espaço para o surgimento da nova Capital do Brasil, que era um projeto político, registrou na sua memória muitos acontecimentos, até mesmo os mais simples, e, conseqüentemente, o menino presente no seu eu se manifestou e surgiu em conto depois de ter saído de Brasília. Como disse Guimarães: “Quando escrevo, repito o que já vivi antes”.

O menino e a “cidade”, ainda nascendo, se correlacionam.

A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa-de-madeira, sobre estações, quase penetrando na mata ... A morada era pequena, passava-se logo à cozinha, e ao que não era bem quintal, antes breve clareira, das árvores que não podem entrar dentro de casa. Altas, cipós e orquideazinha amarelas delas se suspendiam. Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores? [...] (p.59).

Era um lugar cercado pela natureza, propício a se imaginar o que quisesse “Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores?”. Era uma cidade para se criar poesias, contos ou literatura. Aos olhos do poeta, tudo é possível: “uma lata existe para conter algo mas quando o poeta diz: ‘Lata’ pode estar querendo dizer o incontível”, como afirma Gilberto Gil na sua canção metáfora.

A “cidade” cercada pela natureza permitia, ainda, se criar animais e aves. Quando o menino

[...] avistou o peru no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração... Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e- preto- o peru para sempre... Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta [...] (p. 50-51).

Tudo aos olhos do Menino era novo e estranho, mas o peru não saía da sua cabeça:

Tinha fome, servido o almoço, tomava-se cerveja. O Tio, a Tia, os engenheiros. Da sala, não se escutava o galhardo ralhar dele, seu grugulejo? Esta grande cidade ia ser a mais levantada no mundo. Ele abria leque, impante, explodido, se enfunava... Mal comeu dos doces, a marmelada, da terra, que se cortava bonita, o perfume em açúcar e carne de flor. Saiu, sôfrego de o rever. Não viu: imediatamente. A mata é que era tão feia de altura. E – onde? Só umas penas, restos no chão- “Ué, se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?” Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podia? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru-aquele. O peru-seu desaparece o espaço. Só no grão nulo de um minuto, O Menino recebia em si um miligrama de morte. Já o buscavam: - “Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago” [...] (p.51-52).

O Menino se depara com a morte de uma ave que se mostrou para ele imponente e rica de cores, seduzindo seu olhar e sensibilidade ou, muito mais do que isso, conviver com a perda de algo tão inusitado e belo. A realidade se configura para ele de forma dura enquanto, para o adulto, a preocupação era com a grande cidade. Menino e adultos, percepções de mundo diferentes. O peru morreu e a “cidade” matava a natureza.

[...] homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalhos, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha [...]

O Menino fez ascas. Olhou o céu-atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morreu tanto [...]. (p 52-53).

A morte do peru e da árvore são realidades que surgem na face de um menino que precisava sair do seu mundo de sonhos para uma nova fase de sua vida. “Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo!- tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria” (p.53).

O vagalume talvez seja um símbolo de esperança de que um dia tudo poderia ser diferente, inclusive a mudança da percepção do mundo do Menino que possivelmente iria torná-lo Alegre.

CONCLUSÃO

O Menino que faz uma viagem de avião com seu Tio e Tia para um lugar desconhecido, alimentava-o de expectativas: “[...] as satisfações antes da consciência das necessidades”. (p. 49). Porém, ao conhecer esse lugar – “a grande cidade” –, depara-se com situações constrangedoras como a morte do peru e uma cidade que destruía a natureza. A morte, a cidade e o Menino se misturam e se constituem como um só corpo, processo natural da história, conflito dialético dos homens.

Tudo isso passou a se constituir como um grande aprendizado ou um ritual de passagem da fase de menino para o universo dos adultos. As margens da alegria representam a transição vivida pelo Menino: realidade e sonho, dor e paixão, fruto dos acontecimentos sociais e necessários à vida humana. Neste conto, estória e história se confundem.

REFERÊNCIAS

GIL, Gilberto. Canção metáfora.

ROSA, João Guimarães. As margens da alegria. In: _____. *Primeiras estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 49-53

Biografia Guimarães Rosa. Disponível em: <http://www.releituras.com/guimarosa_bio.asp>. Acesso em: 5 mar. 2011.